

Arnaldo Rosa Vianna Neto

**Representações da Literatura
Canadense Francófona
no século XIX:
*L'esthétique du terroir***

Resumo

A literatura do *terroir* quebequense define-se como regionalista, da terra, do campo, rural, social. A posse do território, a idealização da terra, a língua e o discurso religioso se constituem como referências ideológicas da estética do *terroir*, a qual se constrói sobre valores do *ethos* campesino, suas tradições, normas e modelos culturais.

Palavras-chave: Identidade, posse, regionalista, rural

Résumé

La littérature du terroir québécoise se définit comme régionaliste, de la terre, de la campagne, rurale, sociale. La possession du territoire, l'idéalisation de la terre, la langue et le discours religieux se constituent comme des références idéologiques de l'esthétique du terroir, laquelle se construit sur des valeurs de l'*ethos* rural, ses traditions, normes et modèles culturels.

Mots-clés : Identité, possession, régionaliste, terroir

Referencial histórico

Dans toute cette abondante production domine la passion de la terre, qui est à la fois passion d'un pays, d'un sol, d'une possession¹.

Jean-Claud Clébert

A *littérature du terroir*² quebequense, definida como regionalista, da terra, do campo, rural, social, sedimenta, na carga semântica das palavras terra e território, nas quais se constrói sua narratividade, a representação de um complexo contexto cultural constituído por referências históricas responsáveis pela construção do discurso social do qual a literatura é elemento constitutivo.

O contexto cultural em que se insere a formação do *récit du terroir*³ quebequense tem um referencial histórico complexo, que se inicia com a Guerra dos Sete Anos entre a França e o Reino da Grã-Bretanha⁴, época em que territórios colonizados pela França desde 1608 passaram gradualmente para o controle britânico entre 1740 e 1763. Após a conquista da *Nouvelle-France* pelo Reino da Grã-Bretanha em 1760, a França renuncia às colônias na América do Norte com o *Traité de Paris*, assinado em 1763.

Em 1774, o *Acte de Québec* garantiu, à *Province de Québec*, um vasto território que se estendia do vale do rio *Saint-Laurent* aos *Grands Lacs* e ao vale do *Ohio*. O tratado restituía os direitos à nobreza senhorial (*le régime seigneurial*), reconhecia a prática do direito civil francês, da língua francesa e abolia o *Serment du Test*⁵, prática que excluía os canadenses-franceses católicos do exercício de qualquer

* Arnaldo Rosa Vianna Neto - Professor Doutor da Universidade Federal Fluminense (UFF)

¹ Em toda essa abundante produção domina a paixão pela terra, que é ao mesmo tempo paixão pelo país, pelo solo, pela posse.

² Literatura regionalista rural

³ Narrativa regionalista rural

⁴ O Reino da Grã-Bretanha foi um Estado nacional da Europa Ocidental entre 1707 e 1800. Foi criado a partir da união das coroas da Escócia e Inglaterra, sob o Ato de União de 1707 (*Union Act, 1707*), que havia sido estabelecido para formar um único país na ilha da Grã-Bretanha. O Reino da Grã-Bretanha foi suprimido após o *Ato de União de 1800* (*Union Act, 1800*), pelo qual a Irlanda foi anexada, criando-se o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, após o final da Rebelião Irlandesa de 1798.

⁵ A expressão é oriunda do discurso religioso na Inglaterra e significa o ato pelo qual se renuncia à transsubstanciação e ao culto à Virgem Maria e aos santos católicos. O juramento era imposto aos canadenses-franceses católicos que pleiteavam qualquer cargo público, como prova de fidelidade ao Reino da Grã-Bretanha. À época, eles só tinham acesso às funções públicas se abjurassem o catolicismo e se submetessem ao aprendizado da língua inglesa.

função pública. Protegiam-se, assim, as instituições, a religião e a língua da ex-colônia francesa, o que não impedia, entretanto, a instalação massiva de colonos britânicos (*la population de souche britannique*⁶) nas terras confiscadas aos canadenses-franceses. Após a deportação dos acadianos⁷ em 1775, a Igreja passou a incentivar o crescimento demográfico, desenvolvendo uma política de resistência à assimilação e discriminação pelos colonos britânicos, prática já adotada pelas colônias francesas no século XVII, designada como *La guerre des berceaux*, a “guerra ou revanche dos berços”⁸.

A Revolução Americana de 1776 provocou uma grande migração da população leal (*les Loyalistes*) aos britânicos das treze colônias americanas para o Canadá na década de 1780, especialmente para a *Nouvelle-Écosse* e principalmente para o sul da colônia de *Québec*, época em que a maioria da população passou a ser de ascendência britânica, ameaçando a, até então, maioria étnica canadense-francesa. As diferenças culturais entre os colonos de língua francesa e os de língua inglesa promoveram a divisão do *Québec* em duas distintas colônias, o *Haut-Canada*, que formou as bases da atual província de *Ontario*, primariamente anglófona, e o *Bas-Canada*, base da atual província de *Québec*, majoritariamente francófona.

Após a Revolução Americana, o Reino da Grã-Bretanha continuou ainda a controlar quatro colônias no continente norte-americano: *Québec* (localizada na região onde se localiza atualmente o sul das províncias de *Ontario* e *Québec*), *Île*

⁶ (a população de raiz, de origem britânica)

⁷ Os acadianos são de maioria francófona e católica. Eles descendem dos primeiros colonizadores franceses estabelecidos na Acádia à época da criação da *Nouvelle-France*. Os acadianos foram deportados (*Le Grand Dérangement* ou *La déportation des Acadiens*) pelos britânicos em 1755, quando da implementação de uma política caracterizada pela limpeza étnica. Após o exílio forçado, muitos acadianos partiram para os Estados Unidos e para o *Québec*. Outros, após um retorno à França, se dividiram em dois grandes grupos: um que se instalou em Archigny e outro que partiu de Nantes para se estabelecer na Luisiana, encontrando aqueles que haviam descido da antiga Acádia, em travessia epopeica (referenciada no romance *Pélagie-la-charrette* de Antonine Maillet), até o sul dos Estados Unidos, onde são conhecidos como *Cadiens* ou *Cajuns*. Houve também muitos acadianos que, durante os séculos dezenove e vinte, retornaram à antiga Acádia (movimento conhecido na literatura como o Mito do Retorno), juntando-se àqueles que resistiram à expulsão e ficaram no antigo território. Fruto da diáspora promovida pela Grande Deportação, a maioria dos acadianos se encontra, não obstante, nos dias atuais, na América do Norte, geralmente nas províncias canadenses do *Nouveau-Brunswick*, *Île-du-Prince-Édouard*, *Nouvelle-Écosse* e *Québec*, e no Estado do Maine, nos Estados Unidos.

⁸ Um casal tinha, em média, 14 filhos. As famílias eram incentivadas a manter esse número, sendo comum, à época, matrizes familiares com 14 filhos e 170 netos.

Saint-Jean, Nouvelle-Écosse, Terre-Neuve e Labrador. Em 1784, o Reino da Grã-Bretanha criou uma quinta colônia, o *Nouveau-Brunswick* (o sudoeste da *Nouvelle-Écosse*) e renomeou a *Île Saint-Jean* como *Île-du-Prince-Édouard*. Com exceção da colônia de *Québec*, cuja população era francófona, de ascendência francesa, a maior parte da população dessas colônias era anglófona, descendente de britânicos leais (*les Loyalistes*) ao Reino da Grã-Bretanha.

A Revolução Francesa em 1789 destituiu a Metrópole cultural de seus princípios de autoridade e religião, não se constituindo mais a França como um modelo a seguir pela elite religiosa e intelectual da coletividade canadense-francesa. Para se protegerem da constante ameaça de avanço dos Estados Unidos sobre seus territórios entre os anos de 1775 a 1812, desenvolveu-se entre britânicos e canadenses-franceses uma política de tolerância em relação à defesa dos interesses dos canadenses-franceses de não intervenção dos ingleses nas questões de conservação da língua, da religião e do sistema judiciário. A identidade ameaçada tornou-se uma das principais representações coletivas, após toda essa série de acontecimentos que tornaram visível a fragilidade francófona na América do Norte.

Entre os anos de 1830 e 1840 identificou-se no *Québec* a constituição de um discurso ideológico voltado para a história da *Nouvelle-France*, orientado no sentido de salvaguardar a nação canadense-francesa e seus valores tradicionais. O monopólio do poder político e econômico pelos ingleses resultou na *Insurrection des Patriotes* de 1837-1838, um movimento de afirmação nacional e separação radical, no qual os canadenses-franceses fracassaram após as operações militares no *Comte des Deux-Montagnes* em *Saint-Eustache*.

Após a derrota, para evitar a assimilação pelos ingleses, os canadenses-franceses concentraram-se na zona rural, época em que oitenta por cento da população passou a viver no campo. Vinte anos mais tarde, com a industrialização e a urbanização, esse percentual passou a ser de sessenta e sete por cento. Nesse contexto, o clero passou a administrar o poder com base em um paradigma conservacionista que tinha como referências ideológicas o discurso religioso, a posse do território, a idealização da terra, instituindo-se como valores a agricultura e o *ethos* campesino, suas tradições, normas e

modelos culturais. A religião católica constituiu-se, pois, como um dos ícones de maior influência na história da formação da sociedade quebequense (identificada à época como canadense-francesa), que se organizou, principalmente, na resistência da cultura de língua francesa contra a constante ameaça da fronteira cultural anglófona, tendo sido a Igreja a instituição responsável pela reprodução da cultura francesa em solo canadense. A religião, a preservação da língua, a apropriação do território e o culto à terra constituíram, assim, elementos importantes do nacionalismo canadense-francês⁹.

A união do *Haut-Canada* ao *Bas-Canada*, pelo Parlamento inglês em 1841, fez do *Québec* parte da maioria anglófona da Província unida, propiciando um equilíbrio político de poder entre seus irmãos anglófonos do Canadá ocidental (*Ontario*) e seus compatriotas francófonos do Canadá oriental (*Québec*). Para assimilar as intensas migrações britânicas (ingleses e irlandeses), entre 1760 e 1860, escolas de língua inglesa foram admitidas no sistema católico de língua francesa e, a partir de um estatuto colonial decretado em 1846, instaurou-se um sistema educacional protestante autônomo de língua inglesa. A Confederação de 1867 constituiu o Canadá como um Estado Federal com a união de três colônias britânicas norte-americanas, iniciando-se então a incorporação de províncias e territórios e um processo de crescente autonomia em relação ao Reino da Grã-Bretanha, destacada pelo estatuto de Westminster em 1931, que culminou no *Canada Act* de 1982, no qual foram eliminados os vestígios de dependência jurídica do Parlamento britânico.

⁹ Essa matriz cultural permaneceu até 1960, quando a *Révolution Tranquille*, um acontecimento histórico que abalou instituições e expressou mudanças nas estruturas éticas, culturais e ideológicas, tornou visíveis divisões e contradições internas com a instituição de novas referências culturais resultantes de uma reapropriação simbólica do passado, do território, da língua, que identificam particularmente o *ethos* quebequense na elaboração de um novo discurso identitário, permitindo ao canadense-francês do *Québec* tornar-se quebequense. O abandono da colônia pela Metrópole francesa constitui o estigma identitário fundacional de *ethos* quebequense, identificado pelo sociólogo canadense Gérard Bouchard na formação discursiva da metáfigura do bastardo (*la bâtardise*) que constitui o paradigma cultural da Revolução Tranquila. O que se passa no factual histórico, no espaço-tempo da historiografia da década de 1960 revela o processo de rompimento com ideologias, referências e modelos culturais, como a rejeição da "mãe-pátria", suas normas e tradições.

Ideologia do *terroir*

A ideologia do *terroir* teve origem no *Québec* rural patriarcal do século XIX, expandindo-se até o século XX. Entre os anos de 1846 e 1945, o clero e o Estado utilizaram a matriz ideológica do *terroir* na literatura canadense de língua francesa, como tentativa de contenção do êxodo rural dos canadenses-franceses do *Bas-Canada* (o *Québec* de antes da Confederação de 1867), inicialmente para *Montréal* e depois para os Estados Unidos, atraídos pela industrialização crescente. Os mentores da ideologia do *terroir* silenciaram sobre a grande mutação econômica e social urbana que se operava no *Québec*. Evocava-se o fato de que, ao longo de toda sua história, a população da *Nouvelle-France* e, mais tarde, do *Bas-Canada* (o *Québec* de hoje), era essencialmente rural, o que sustentava uma propaganda ideológica em favor da colonização “pura”, ou seja, a utopia de uma colonização voltada para a construção de uma sociedade nova à altura dos desejos dos colonos. Negando totalmente qualquer interação entre o rural e o urbano, a ideologia do *terroir* separava, de maneira radical, os dois modos de vida, idealizando excessivamente o *ethos* rural e estigmatizando o *locus* urbano como “lugar de perdição”.

Estima-se que a continuidade da ideologia do *terroir* expressa nas produções literárias, ainda em 1871, era de oitenta por cento aproximadamente. Tanto o romance, quanto a poesia e o ensaio se inscreveram em uma corrente estética denominada de *terroirisme*¹⁰ ou *agriculturisme*, incorporando, à estética do *terroir*, a ideologia veiculada no *récit du terroir*, que tinha por objetivo não só garantir a posse do território, mas também a fixação dos canadenses-franceses em terras do *Québec* pela idealização da prática da agricultura e dos valores patriarcais rurais. Para tanto, o *terroirisme* sustentava-se nos signos rurais, como o tempo cíclico e contínuo da natureza, a metafísica do cotidiano vivido na apropriação da terra pela prática da agricultura, o *ethos* campesino que se mantinha, sobretudo, pela transmissão coletiva de valores e tradições morais e/ou religiosas que evocavam o território, a terra, a região, o vilarejo com sua

¹⁰ Regionalismo rural

comunidade característica, suas paróquias, praças, paisagens e referências linguísticas.

Em 1896, o processo de industrialização se acelerou, acarretando um forte êxodo da população rural para a zona urbana. As elites rurais apontavam o surgimento do automóvel e os novos meios de comunicação, o telefone e o cinema, como uma ameaça para a sobrevivência da identidade canadense-francesa, até então preservada pela manutenção da língua, da religião e dos valores rurais tradicionais. A atração pelas “cidades grandes”, como *Montréal*, e a emigração para os Estados Unidos ameaçavam a diluição da identidade canadense-francesa. Por omissão do governo em relação a políticas públicas que pudessem conter o esvaziamento do campo e o conseqüente apagamento do *ethos* identitário rural canadense-francês, alguns escritores empreenderam uma campanha em favor do retorno à terra, defendendo o tema de que a arte e todas as manifestações estéticas deveriam estar a serviço da identidade ameaçada. Assim, a literatura do *terroir* ganhou o estatuto de literatura engajada, tomando a ficção como propaganda de seu ideário.

145

***L'esthétique du terroir*¹¹: a literatura regionalista rural quebequense**

A derrota dos *Patriotes* em 1837-1838 constituiu um dos pontos decisivos da história do *Québec*. O fato histórico inaugurou a era que se estendeu até a Revolução Tranquila, durante a qual o nacionalismo de reivindicações políticas e sociais, mesclado de liberalismo e anticlericalismo, que teve um importante sucesso durante os anos de 1820-1830, cedeu espaço ao nacionalismo conservador, sustentado pelo clero e a pequena burguesia rural.

O nacionalismo conservador, cujas preocupações se concentravam em torno da manutenção da língua francesa e da religião católica, visava essencialmente a conservar intacta a sociedade canadense-francesa tal como foi herdada da época da Nouvelle-France, subtraindo-a às influências estrangeiras e às correntes de pensamento incompatíveis com a manutenção do *status quo*.

¹¹ Estética do *terroir*

Naquele contexto, o *roman du terroir*¹² quebequense desempenhou um papel exemplar como agente do processo de difusão do nacionalismo conservador canadense-francês, não só como instrumento destinado a legitimar a ordem estabelecida e o modo de vida tradicional, mas também como meio utilizado ideologicamente para desqualificar e marginalizar tudo o que fosse estrangeiro ou incompatível com aquele modo de vida.

Embora a literatura regionalista rural quebequense tenha sido disseminada com mais força no século XX, ela é representada na história literária canadense-francesa desde o século XIX, época, como já se disse, em que oitenta por cento da população vivia no campo, como resultado da marcha para o povoamento e dos quadros políticos e jurídicos que determinavam a ocupação do solo, carregando estratos superpostos de sedimentação cultural sobre uma trama antiga em constante evolução. Nesse contexto, a literatura é fortemente condicionada aos valores religiosos e agrários ancestrais, necessários à sobrevivência da população de etnia francófona, de sua fé e de sua língua.

Identificado na metade do século XIX, egresso do movimento regionalista, o *roman du terroir*, romance da terra, se caracteriza pela valorização de uma região. O romance da terra construiu-se em torno de quatro vertentes representativas do *récit du terroir*: a terra, a família, a religião e a língua. O cenário de suas tramas é composto pela paisagem sociohistórica da comunidade rural, do cotidiano rural, onde se registram histórias de famílias camponesas, nas quais transitam artesãos, religiosos, nobres e agricultores em sua relação com o *terroir*¹³, seu potencial de desenvolvimento, a preservação de tradições características de uma entidade social cuja originalidade é indissociável de um quadro natural por vezes ameaçado pela industrialização e a expansão econômica. Nesse contexto, o trânsito das personagens pelas paisagens e vilarejos emblemáticos assinala, nas narrativas, a apropriação do território. Construídas como representações do mundo rural, as personagens não se resignam às condições existenciais impostas pelas vicissitudes históricas, resultantes das convulsões sociais que sacodem os séculos XIX e XX decorrentes

¹² Romance regionalista rural ou romance da terra

¹³ Terra, território, região.

dos avanços tecnológicos, das lutas de classes e das mudanças nos paradigmas políticos.

Considera-se o *roman du terroir* como um *roman à thèse*¹⁴, no qual se defendia a tese de que a vida no campo é superior à de todos os modelos urbanos. Os romances da terra, também chamados de regionalistas rurais, expõem o problema da sucessão sobre a posse da terra, que era considerada sagrada, representando o *ethos* rural patriarcal no momento em que um dos filhos vive uma situação de conflito ao ter que escolher entre a terra ancestral e a cidade, entre ficar ou partir, entre continuar a sucessão do pai ou destruí-lo. A vítima será sempre a terra, que se representa como personagem central em torno da qual se posicionam dois adjuvantes: o pai e o filho, o bom e o mau. A terra ameaçada de abandono tem a virtude de dar felicidade aos que a cortejam e lhe são fiéis. O pai se sente menos afetado pela partida do filho, o desertor da terra, do que pela recusa da sucessão e o abandono de sua terra. Inteiramente determinado a servir à terra ancestral, a terra sagrada, o pai confere significação e valor à vida de seus descendentes, inscrevendo-os no ciclo do eterno retorno, abstraindo-se da noção de tempo linear.

Assim se lê em *La Terre paternelle* (1846), romance que inaugura, no Québec, a literatura regionalista rural. De autoria de Patrice Lacombe, o romance exercita o *terroirisme*, representando em sua narrativa as vertentes da estrutura familiar patriarcal rural e o pertencimento à terra ancestral. A terra paterna situa-se ao norte da ilha de *Montréal*, em *Gros Sault*, na paróquia de *Sault-au-Récollet*, lugar que tem como referência o *Rivière des Prairies*. A terra pertence à família *Chauvin*, cujos ancestrais trabalharam duramente para torná-la produtiva e rentável. No texto do romance, que tem dez capítulos, o escritor enfatiza o tema de que a terra recompensa o trabalho árduo. As representações da posse da terra e da sucessão familiar são visíveis na *mise-en-scène* narrativa e na oposição das personagens estereotipadas, tais como o velho patriarca rural, a família patriarcal, o padre do vilarejo. O patriarca da família *Chauvin* se chama *Jean-Baptiste*. De seu casamento com a filha de um agricultor nasceram três filhos, dois meninos e uma menina. *Charles*, o mais novo dos irmãos, deixa o campo em busca de

¹⁴ Romances que defendem uma tese.

florestas longínquas de um país *d'un haut*¹⁵. Temendo que o filho mais velho abandonasse também a vida rural, seguindo os passos do irmão, *Jean-Baptiste* decide legar sua terra a ele, por direito de sucessão. Entretanto, o filho mais velho não suporta o trabalho árduo para recuperar a fertilidade da terra e *Jean-Baptiste* vende sua propriedade para tentar sobreviver do comércio, sem estar preparado para tanto. A família *Chauvin* vai à falência em pouco tempo e deixa o campo, emigrando para a cidade, onde todos enfrentam a decadência física e material. Após dez anos de miséria e fome, o filho mais velho morre, deixando seus pais em estado deplorável. *Charles* retorna do Noroeste em boa situação financeira, permitindo à família a reintegração da terra paterna e a retomada da felicidade perdida. A fidelidade à religião católica não impediu que *Jean-Baptiste* e sua família fossem punidos pelo abandono da terra, realizando-se na narrativa o lema do *terroir*: “não se abandona a terra impunemente”. Na representação discursiva dos lugares, Patrice Lacombe não reproduz, entretanto, integralmente, a ideologia da época. O campo não é valorizado excessivamente, a cidade permite aos personagens viverem um período de prosperidade, quando, ao contrário, deveria ser representada como um “lugar de perdição” e fracasso, segundo os valores veiculados pelo discurso político-religioso da época, e a floresta, que deveria ser ignorada, é incorporada à narrativa por seus aspectos atrativos¹⁶. Com algumas variantes, essa era a fórmula adotada pelos escritores da época que centravam seu interesse em manter a sucessão como garantia da posse da terra e do *ethos* identitário.

O mesmo discurso ideológico se reproduz em *Jean Rivard, le défricheur* (1862), de Antoine Gérin-Lajoie, na voz narrativa do padre *Doucet*, que tenta dissuadir *Jean Rivard* de seu projeto de estudar Direito para tornar-se agricultor.

¹⁵ Vasto território a oeste de *Montréal* abrangendo a totalidade dos Grandes Lagos ao Norte e ao Sul, estendendo-se ao que corresponde hoje à região que cobre a parte Nordeste dos Estados Unidos descendo até a Luisiana. Essas regiões eram, outrora, ocupadas pelos franceses.

¹⁶ Em *Restons chez-nous* (1908), Damase Potvin revisa a fórmula de *La Terre paternelle* de Patrice Lacombe (1846) para torná-la ideologicamente mais eficaz. O patriarca, incapaz de satisfazer aos desejos da terra, tem apenas um filho com o qual conta para sucedê-lo. O rapaz, entretanto, se deixa seduzir pela cidade e não cede às súplicas do pai para que não abandone a terra. Sem alternativa, o velho pioneiro é obrigado a vender a terra, enquanto o filho sofre em terra estrangeira o castigo pelo crime de abandono da terra. O rapaz morre após ter reconhecido seu erro. Essa é a trama característica dos romances da terra (*du terroir*), também chamados de “romances da fidelidade à terra”, ou simplesmente “romances da fidelidade”, engajados na luta pela sobrevivência da identidade canadense-francesa.

Muito pobre para adquirir uma fazenda, *Jean Rivard* se deixa atormentar por essa ideia até o momento em que é inspirado por um sonho, no qual se vê em busca de uma terra rica em árvores que ele poderá abater para depois explorar, nos *Cantons de l'Est*¹⁷. Enfatizando o papel da autoridade clerical da paróquia do vilarejo de *Rivardville*, o autor manifesta, através do discurso religioso, a ideologia política e social do *terroirisme*. Gérin-Lajoie escreveu ainda *Jean Rivard, l'économiste, Le jeune Latour, Les Lettres canadiennes d'autrefois*.

Paralelamente à literatura regionalista rural, desenvolveu-se uma literatura política e socialmente engajada na qual se representavam, entretanto, traços da literatura regionalista rural. Cita-se, como exemplo, o romance *Charles Guérin: roman de moeurs canadiennes* (1846) de Pierre-Joseph-Olivier Chauveau¹⁸, Primeiro Ministro do *Québec* em 1867, no qual se denuncia a invasão imigrante. A industrialização do Canadá produziu um enfrentamento de duas morais, uma tradicional, fundada nos princípios imutáveis da religião e dos valores patriarcais rurais, outra oportunista, chamada *morale de situation* que visava a legitimar, por argumentos especiais, atos desonestos praticados pelas instituições. É o choque entre essas duas morais que se representa em *Charles Guérin*.

Em *La chasse-galerie*, coleção de seis contos de Honoré Beaugrand escrita na segunda metade do século XIX, registram-se dois textos, *Macloune* e *Le Père Louison*, inscritos na estética do *terroir*, nos quais se retrata a vida de camponeses típicos do regionalismo rural canadense-francês. Os outros quatro textos, *La chasse-galerie* (histórias de lenhadores que pactuam com o diabo para encontrar suas namoradas), *Le loup garou*, *La bête à grand'queue*, *Le fantôme de l'avare*, são contos fantásticos que reproduzem a tradição oral, encontros perigosos com criaturas sobrenaturais, que se tornaram clássicos da literatura e do cinema para adolescentes. Todas as narrativas se desenvolvem nos vilarejos às margens do rio *Saint-Laurent, l'Outaouais*, no começo do século XIX, evocando um universo rural e popular de camponeses, lenhadores, açougueiros e pescadores. A *mise-en-scène* narrativa, em todos os contos, se passa em torno de uma lareira, ao redor da qual um grupo de homens e mulheres se reúne, ao cair da tarde, nas longas

¹⁷ Região ao sul da Província de *Québec* na fronteira com os Estados Unidos.

¹⁸ Pierre-Joseph-Olivier Chauveau foi Primeiro Ministro do *Québec* em 1867. Em 1838, publicou seu primeiro poema, intitulado *L'Insurrection*, no jornal *Le Canadien*, no qual exalta o heroísmo dos *Patriotes*.

vigílias de inverno no campo, para ouvir um contador de histórias que resgata, em toda sua dimensão etnológica, o imaginário coletivo popular e rural, enraizado na geografia e na história do povo quebequense. Honoré Beaugrand é reconhecido como um dos autores clássicos da literatura quebequense de língua francesa.

Uma pesquisa em numerosos periódicos da época confirma a inscrição da literatura de gênero no *Québec* da segunda metade do século XIX. Em 1870, esposas de advogados, de médicos, de notários, escondendo sua identidade sob pseudônimos, pontuam a literatura com a rubrica feminina. O primeiro romance psicológico canadense-francês, *Angéline de Montbrun*, é de autoria feminina. Escrito por Laure Conan, pseudônimo usado por Marie-Louise-Félicité Angers (1845-1924), foi publicado entre 1881 e 1882, sob a forma de folhetim. Laure Conan escreveu ainda onze livros de natureza psicológica, nos quais a escritora abordava o discurso religioso e a estrutura familiar do *Québec*. Na história da literatura quebequense, registra-se a autoria de numerosas mulheres que, após Laure Conan, escreveram romances sob a égide do *terroirisme* militante do século XX.

150

A sobrevivência da literatura regionalista rural

Durante os anos de 1846 a 1945, a maioria das obras literárias publicadas no *Québec* se inscreveu, pois, na estética do *terroir*. Nos registros de sua ocorrência, situam-se, como limites, *La Terre paternelle* (1846), de Patrice Lacombe, e *Le Survenant*, de Germaine Guèvremont (1945), como narrativas emblemáticas do *terroir* nos séculos XIX e XX.

O que diferencia o *terroirisme*, ou o regionalismo rural do século XIX do *terroirisme* do início do século XX é o engajamento ideológico. A diversidade revelada na literatura regionalista rural quebequense do século XX liga-se à heterogeneidade dos modelos representados e a substanciais diferenças quanto ao modo de inscrição do social. Tais variações, parcialmente ligadas ao movimento da história, revelam a transformação das grandes articulações do

discurso cultural ao longo dos séculos. Assim, o escritor *terroiriste*¹⁹ do século XX promove o retorno ao campo, à zona rural, como forma de nacionalizar a literatura.

O *Monseigneur Camille Roy, l'abbé Roy*, autor do primeiro ensaio sobre a literatura quebequense, exercerá esse papel, fundando a *École du terroir*, em torno da qual se concentrava um grupo de escritores que aplicavam as diretrizes do movimento e recrutavam militantes. É importante destacar o papel de Camille Roy e seu trabalho de crítica literária que teve o objetivo de nacionalizar a literatura, com temas canadenses-franceses, tratados sob a ótica canadense-francesa, que pudesse conquistar junto ao público sua preferência em detrimento da literatura francesa e das literaturas estrangeiras. Como muitos de seus contemporâneos, Camille Roy propunha um retorno às origens como forma de nacionalizar a literatura canadense-francesa e recusava os estatutos do modernismo no qual ele via uma ameaça aos fundamentos da identidade quebequense, à fé católica e à pátria. Ele promoveu a literatura do *terroir* até 1931. O discurso do *terroir* no século XX valorizava, assim, a civilização rural tradicional em vias de desaparecer sob o impacto da industrialização e da urbanização.

Distanciada da busca dos valores patriarcais rurais, morais ou religiosos, longe do retorno a uma natureza idealizada como a *terre promise*²⁰ e de uma imagem conservadora e tradicionalista, a literatura regionalista rural quebequense desaparece a partir dos anos de 1940 com o surgimento dos primeiros romances urbanos. Fragmentos da tradição literária do *terroir* encontram-se disseminados em narrativas de alguns escritores quebequenses, ao lado de outras que reagem a essa tendência considerada saudosista ou nostálgica. Nessas, apesar de se conservar o paradigma da “terra prometida”, ou o “mito do retorno ao Norte quebequense²¹”, se expõe a degradação social decorrente do empobrecimento econômico e cultural das populações rurais como resultado da industrialização urbana e do êxodo rural do campo para a

¹⁹ Regionalista rural

²⁰ Terra prometida

²¹ O sonho de um país francês que cobriria todo o Norte do *Québec, Ontario e Manitoba*, e que continuaria francês porque os ingleses não ousariam se aventurar naquelas terras por causa do rigor do clima.

cidade. Há romances urbanos em que se representa a integração de personagens oriundos de representações coletivas tradicionais (*les Québécois de souche*²²) do *Québec* com os de uma heterogeneidade cultural crescente advinda dos movimentos migratórios. São romances que, embora considerados como tipicamente *terroir*, regionalistas rurais, apresentam características *anti-terroir*, como *Marie Calumet* (1904) de Rodolphe Girard, que rompe, em parte, com a tradição da *littérature du terroir*.

Como literatura emblemática da estética do *terroir* no século XX, destacam-se as seguintes narrativas: *Marie Calumet*²³ (1904), de Rodolphe Girard, *Restons chez nous* (1908), de Damase Potvin, *Marie Chapdelaine* (1913), de Louis Hémon, *L'Appel de la race* (1922), do abade Lionel Groulx, *Un homme et son péché* (1933), de Claude-Henri Grignon, *Menaud, maître-draveur* (1937), de Félix-Antoine Savard, *Le Survenant* (1945) e *Marie-Didace* (1947), narrativa sequencial de *Le Survenant*²⁴, de Germaine Guèvremont. Entre as narrativas consideradas como *anti-romans du terroir*, citam-se *La Scouine* (1918), de Albert Laberge, *Trente Arpents* (1938) de Ringuet (pseudônimo de Philippe Panneton), *Une saison dans la vie d'Emmanuel* de Marie-Claire Blais.



²² (Os Quebequenses de raiz francesa)

²³ A trama narrativa de *Marie Calumet* se desenvolve na segunda metade do século XIX e registra o confronto entre o cotidiano de uma paróquia rural do *Québec* tradicional e a realidade urbana de *Montréal* em pleno processo de industrialização. Destaca-se na narrativa a presença do francês rural do século XIX. *Marie Calumet*, apesar de se classificar como literatura *du terroir*, apresenta também características das narrativas *anti-terroir*.

²⁴ Tendo seu auge entre os anos de 1930-1945, a estética do *terroir* quebequense tem, em *Le Survenant* de Germaine Guèvremont (1893-1968), publicado no Canadá em 1945, seu último e melhor romance. A autora escreveu uma narrativa sequencial de *Le Survenant*, intitulada *Marie-Didace*, em 1947. Além de adaptações para o rádio e para séries televisivas, entre 1954 e 1960, *Le Survenant* foi também adaptado para o cinema em 2005. Como romances *anti-terroir*, podem-se citar *Trente Arpents* de Ringuet e *Une saison dans la vie d'Emmanuel* de Marie-Claire Blais. Outras narrativas, tais como *Marie Calumet* (1904) de Rodolphe Girard, apesar de se classificarem como literatura *du terroir*, apresentam também características das narrativas *anti-terroir*.

REFERÊNCIAS

ALLARD, Jacques. **Traverses**. Montréal : Boréal, 1991.

AUBERT DE GASPÉ (père), Philippe. **Les Anciens Canadiens**. Montréal : Boréal, 2002.

BEAUGRAND, Honoré. **La Chasse-galerie et autres récits**, texte conforme à l'édition de 1900, avec une postface, une chronologie et une bibliographie de François Ricard. Montréal : Boréal, 2002.

CHAUVEAU, Pierre-Joseph-Olivier. **Charles** Guérin : roman de mœurs canadiennes. Montréal : G. H. Cherrier, des Presses à vapeur de John Lovell, 1853.

CLÉBERT, Jean-Claude. **Les hauts lieux de la littérature en France**. Paris: Bordas, 1990.

GÉRIN-LAJOIE, Antoine. **Jean Rivard, le défricheur** - récit de la vie réelle, suivi de **Jean Rivard, l'économiste**. Montréal: Hurtubise HMH, Cahiers du *Québec* 25 : collection textes et documents littéraires, [1874/1876] 1977. 400 p.

_____. **Les Lettres canadiennes d'autrefois**. Ottawa : Éditions de l'Université (Les publications sériées de l'Université d'Ottawa), [1939] 1958. 9 vol.

GUÈVREMONT, Germaine. **Le Survenant**. Paris : Éditions Beauchemin, 1945.

LACOMBE, Patrice. **La Terre paternelle**. Montréal : Fides, 1981.

MAILHOT, Laurent. **La littérature québécoise**. Québec : Éditions Typo, 1997.

MATHIEU, Jacques, LACOURSIÈRE, Jacques. **Les mémoires québécoises**. Québec : Les Presses de L'Université Laval, 1991.

ROY, Camille. **Manuel d'histoire de la littérature canadienne-française**. Montréal : Beauchemin, [1039] 1962. 201 p.